

Fernando Molica

João Bosco entre frutas e cangotes

O nome do novo — e ótimo — show de João Bosco é “Boca cheia de frutas”, mas, em homenagem ao aperto do público que foi ao Vivo Rio na sexta, o título poderia ganhar um complemento, algo como “e a visão ocupada por cangotes”.

Os administradores da casa de espetáculos carioca devem considerar excessivo o espaço que companhias aéreas destinam aos passageiros da classe econômica. Mesmo adultos de estatura média e não obesos têm dificuldades para se encaixar nas cadeiras dispostas nas mesas da plateia.

Talvez até seja o caso de o Vivo Rio levar para o interior da sala parte dos flanelinhas que, lá fora, quase se estapeiam na disputa por carros dos espectadores. Com seus coletores de cores ácidas, eles, na plateia, organizariam a entrada e saída nos diminutos espaços reservados ao público: “Entra de ré! Desfaz! Um pouquinho pra direita, devagar...”.

Para aumentar a capacidade da casa, metade das cadeiras é colocada de costas para o palco, o que obriga espectadores a mudá-las de posição. Como não há espaço para o necessário giro de 180 graus, o jeito é virá-las parcialmente e usar o pescoço para que os olhos alcancem o artista.

Mas a exiguidade do espaço complica até mesmo esse movimento de 90 graus: ao fim da manobra, o sujeito fica imprensado entre a mesa e outros três espectadores. A situação fica um pouco menos complicada para quem, nos extremos das mesas, conseguir expandir seu território para os corredores que deveriam

garantir a circulação — e tome de pernas pra lá e pra cá quando as garçonetes passam.

Uma simples ida ao banheiro tem que ser precedida de movimentos como os habituais em garagens de prédios mais antigos, em que é preciso, primeiro, manobrar o carro que estiver estacionado à frente. A ocupação dos corredores gera um problema adicional, já que complicaria qualquer necessidade de evacuação imediata do espaço em caso, por exemplo, de um incêndio.

E chegamos, enfim, aos cangotes. O cubículo destinado aos espectadores cria uma convivência forçada com pescoços alheios, que ficam ali, a centímetros de distância. Dá pra conferir o perfume de quem está ao lado.

Os que ganham vizinhos mais

EDITORIAL

Uma exploração que requer cuidados

A exploração de petróleo na foz do rio Amazonas é um tema que tem gerado intensos debates no Brasil, envolvendo interesses econômicos, ambientais e sociais. Por um lado, os defensores do projeto argumentam que ele pode impulsionar significativamente a economia brasileira, gerando empregos, atraindo investimentos e aumentando a arrecadação de impostos. Por outro, ambientalistas e cientistas alertam para os riscos irreversíveis que essa atividade pode causar a um dos ecossistemas mais ricos e sensíveis do planeta.

Antes do início do show, o Vivo Rio anuncia seguir os padrões internacionais das casas de espetáculos, uma provável referência aos currais onde são confinados animais que participam de touradas ou rodeios.

Entre os principais prós, destaca-se o potencial econômico. A região amazônica ainda é pouco explorada em termos de petróleo, e as estimativas indicam grandes reservas que poderiam colocar o Brasil em posição ainda mais destacada no cenário energético global. A descoberta e exploração dessas reservas poderiam ajudar a reduzir a dependência de importações de combustíveis e fortalecer a balança comercial do país. Além disso, a criação de empregos diretos e indiretos poderia impulsionar o desenvolvimento de áreas carentes da região Norte.

No entanto, os contras são numerosos e preocupantes. A foz do Amazonas abriga uma biodiversidade única, com recifes de corais, espécies endêmicas e ecossistemas que ainda estão sendo estudados. Um vazamento de petróleo em alto-mar, especialmente em uma área tão complexa, teria consequências desastrosas para a fauna marinha, comunidades ribeirinhas e populações indígenas que dependem do rio para sua subsistência. Além disso, a exploração ocorre em uma região remota e com pouca infraestrutura, o que dificulta ações de emergência em caso de acidente.

Outro ponto crítico é o impacto climático. Em meio à crise climática global, investir em combustíveis fósseis é visto por muitos especialistas como um contrassenso. O Brasil possui grande potencial em fontes renováveis, como a solar e a eólica, e priorizar essas alternativas pode ser mais estratégico a longo prazo.

Portanto, a exploração de petróleo na foz do Amazonas é uma decisão que exige cautela extrema, avaliação técnica rigorosa e debate público transparente. O equilíbrio entre desenvolvimento e preservação precisa ser cuidadosamente considerado para que os benefícios não venham acompanhados de danos irreparáveis.

Ação em prol do Cerrado

Em tempos de devastação ambiental e distanciamento entre as novas gerações e a natureza, iniciativas como a “Toca Literária do Cerrado” devem ser celebradas – e replicadas. De 30 de maio a 8 de junho, o Parque Ecológico Saburo Onoyama, em Taguatinga, se transforma em um oásis de leitura, arte e consciência ambiental. Muito além de um evento gratuito para escolas públicas, o projeto se firma como uma ação formativa e urgente.

A proposta é simples, mas poderosa: usar a literatura infantil como porta de entrada para o encantamento com o Cerrado, um dos biomas mais ameaçados do país. As atividades lúdicas, artísticas e educativas aproximam crianças da biodiversidade que as cerca e, mais importante, despertam o sentimento de pertencimento e responsabilidade.

Idealizado pela professora Cristiane Salles, o projeto tem alma e raízes em Taguatinga. A escolha do Parque Saburo Onoyama, com sua nascente, árvores altas e espaços de criação de abelhas, reforça a ideia de que a cidade pode – e deve – ser um local de encantamento e formação cidadã.

Ao reunir artistas, educadores e a comunidade, a Toca Literária do Cerrado mostra que é possível ensinar sustentabilidade com afeto, criatividade e compromisso. Em vez de discursos alarmistas, oferece vivências transformadoras. Que mais projetos como esse floresçam. O futuro agradece — e o Cerrado também.

Emanuel Alencar*

Mares turbulentos e pouco transparentes

Lá se vão quase seis anos desde o aterrorizante episódio do desembarque de óleo, muito óleo, em diversas praias do Nordeste brasileiro. O acidente atingiu mais de 2 mil quilômetros da costa brasileira, com mais de 4.500 toneladas de resíduos de óleo recolhidos em praias de 11 estados. Embora a Polícia Federal tenha apontado provável origem de um navio grego, muitas dúvidas permaneceram sobre o que de fato aconteceu. Seguimos, no país, com urgente necessidade de promoção de mais segurança nas operações de transbordo de petróleo. Sem mecanismos mais efetivos de controle prévio para o chamado ship to ship underway

— que significa a transferência de carga de petróleo e seus derivados entre embarcações localizadas em águas jurisdicionais brasileiras — continuaremos a navegar por águas turvas. O ambiente merece um olhar bem mais atento.

Desde meados de 2022 o Ibama analisa contribuições da Associação Brasileira de Terminais de Líquidos (ABTL) sobre o tema. A ABTL pede isonomia quanto às exigências de segurança nas operações prestadas pelos operadores de ship to ship com embarcações em alto mar e as exigidas dos terminais aquaviários específicos. Em resumo, enquanto os terminais, bem mais controlados, são fiscalizados com rigor, há uma permissividade

de maior nas operações longe da costa, o que configura um contrassenso. Quanto maior o risco, amplificado também deveria ser a fiscalização do poder público.

O terminal que se habilita a fazer transferência de óleo e derivados entre embarcações, precisa passar por um processo de licenciamento rigoroso, com elaboração de um plano de controle ambiental. A troca em mar aberto, com navios em deslocamento, por sua vez, é precedida apenas de uma autorização ambiental. Faz sentido?

Atualmente, o Brasil é o 8º maior produtor de petróleo no mundo, segundo os dados da ANP, com produção diária de 4

*Jornalista

Sérgio Cabral*

Servidor Público

A demonização do serviço público é pauta de alguns partidos e políticos não só no Brasil, como em diversos países do planeta. Para essas correntes de pensamento o servidor público é o barnabé que consome os recursos públicos e atravanca a economia e o desenvolvimento.

Entretanto, basta estudar a história dos países e regiões exitosos para se verificar exatamente o contrário. Todos os casos de sucesso passam pela presença do poder público e a sua capacidade de atender a população nas suas necessidades básicas, assim como seu papel alavancador do crescimento econômico e justiça social.

Recomendo o livro “O Estado Empreendedor”, da ítalo-americana-britânica Mariana Mazzucato. Ela é professora de Economia da University College London (UCL) e diretora fundadora do Instituto de Inovação e Propósito Público da UCL (IIPP). Ela é mais conhecida por seu trabalho sobre as dinâmicas da mudança tecnológica, o papel do setor público na inovação e

o conceito de valor na economia. A revista The New Republic a chamou de uma das “pensadoras mais importantes sobre inovação”.

Nessa obra, a pensadora explora o papel histórico do Estado no desenvolvimento tecnológico, principalmente nos Estados Unidos. Sem a presença do governo norte-americano no investimento da pesquisa básica, não teríamos a atual miríade da tecnologia da informação. O mesmo se aplica em países diversos como a Coreia do Sul ou a Estônia.

O mesmo conceito do papel do Estado pode ser aplicado aqui no Brasil, por exemplo, no êxito da Empresa Brasileira de Pesquisa Agro-Pecuária, a Embrapa. Sem ela, nossa agricultura não teria o destaque e a importância que adquiriu no comércio internacional. Seus profissionais e pesquisadores foram e são vitais para o desenvolvimento tecnológico em todos os segmentos agrícolas. A empresa mantém parcerias com diversos setores, como universidades, instituições de pesquisa, empresas privadas e organiza-

ções. A sua produção de conhecimento é compartilhada com nossos produtores rurais. Sem a Embrapa, não seríamos a potência agrícola com enorme destaque no cenário internacional.

Não tenho um pensamento estatizante nem privatista. Mas sim o caminho do meio, o mais difícil e complexo, o que atrai menos paixão e exige mais racionalidade. Por exemplo, é óbvio que a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional, a CSN, assim como da Vale, eram necessárias; como também a privatização da Embraer. No entanto, sem a iniciativa do Estado, elas jamais seriam o que são hoje. Foi o Estado que as criou e as impulsionou em momentos estratégicos para o país.

Por outro lado, desde a pesquisa básica à segurança pública, o Estado é insubstituível. E para isso, o servidor público é peça fundamental nessa engrenagem, para promover bem estar, justiça social e desenvolvimento econômico.

Fui o governador que mais realizou concursos públicos na história do estado. Na educação foram

mais de 40 mil vagas para professores, na segurança pública dobramos o número de profissionais, na receita estadual promovemos diversos concursos públicos, depois de décadas. O INEA, Instituto Estadual do Ambiente, foi criado pelo meu governo e promoveu o primeiro concurso público do meio ambiente na história no estado. Você acredita que o Detran teve seu primeiro concurso no meu governo?

O sucesso do Rio em nosso período, 2007-2014, está intrinsecamente vinculado à valorização do servidor público. Claro, que para isso, obtivemos o primeiro grau de investimento (investment grade) de um estado subnacional na América do Sul, concedido pelas agências internacionais de risco Standard and Poors e Ficht. Sem equilíbrio econômico-financeiro seria impossível. Pois, como diz a letra do genial Noel Rosa: “com que roupa eu vou ao samba que você me convidou?”

*Jornalista. **Instagram:** @sergiocabral_filho

Opinião do leitor

Maluquice

A obscura e indecorosa Federação Internacional de História e Estatísticas de Futebol (IFFHS) teve o descaramento e a indecência de listar melhores jogadores da história, cometendo a barbaridade de colocar Messi na frente de Pelé.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: DEFINIDO TRAJETO DO ZEPPELIN ATÉ O RIO DE JANEIRO

As principais notícias do Correio da Manhã em 23 de maio de 1930 foram: Conde Zeppelin chega a Sevilha e já tem o itinerário programado para vir ao Rio de Janeiro — Ilhas Canárias, Ilha de Cabo Verde, Fernando de Noronha e Recife. Casas comerciais continuam fechadas

HÁ 75 ANOS: FRACASSA A REVOLUÇÃO COMUNISTA NA BOLÍVIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 23 de maio de 1950 foram: UDN de Belo Horizonte reafirma o apoio à candidatura de Eduardo Gomes à presidência. Comícios no Rio de Janeiro serão o eixo da campanha do brigadeiro. Rebelião comunista na Bolívia não

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.